

GRAMÁTICA E O ENSINO DE LÍNGUA: AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

PEREIRA, Adenilza Andrade

Adenilza_ap@yahoo.com.br

CARVALHO, Fabian Silveira de

fabian.sc@zipmail.com.br

SANTOS, Lícia Fabiana Sá

Lifabinha_ss@yahoo.com.br

Meirelles, Claudia. (Orientadora), graduada em letras UCSAL, especialista em metodologia do ensino de língua portuguesa (FACINTER), professora da Universidade Tiradentes nos cursos presenciais e a distância, meirelles.claudia@oi.com.br

RESUMO

A necessidade de reorganização do ensino de Língua portuguesa é uma questão que vem sendo pensada há bastante tempo.. A proposta lançada para o ensino de língua portuguesa indica, fundamentalmente, mudanças no modo de ensinar a língua materna. O ensino de língua portuguesa através das normas gramaticais, que, por sua vez, é pedida pela sociedade e transmitida pela escola, parecia bom, pois os alunos que freqüentavam a escola falavam uma variedade próxima da chamada variedade padrão. Contudo, esse tipo de aprendizagem está sendo observado que não è o melhor, porque, não está sendo desconsiderada a realidade dos alunos e seus conhecimentos prévios, a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção vêm dando lugar ao preconceito lingüístico.

PALAVRAS CHAVE (Gramática, Preconceito lingüístico e Língua)

GRAMÁTICA E O ENSINO DE LÍNGUA: AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esse trabalho surgiu através da curiosidade dos acadêmicos do curso de Letras em pesquisar como está sendo apresentada a gramática no ensino de língua portuguesa, pois quando se trata de língua portuguesa, os alunos têm muitos receios e preconceitos, então foi visado analisar e compreender como é apresentada a gramática no ensino de língua materna. Ao passo em que é produzido o trabalho, é absorvido o máximo do mesmo. Essa proposta articula adequadamente tradição e inovação e que pode contribuir tanto para o domínio dos conteúdos, como para a reflexão sobre os aspectos formais.

Esse tema atende tanto a interesses pedagógicos, quanto a interesses dos alunos, que podem ler textos sobre gramática e o ensino de língua portuguesa. Foi escolhido porque se percebeu que o ensino de gramática aparece nas grades curriculares de língua portuguesa desde as séries iniciais e estende-se até ao ensino médio, mesmo assim, depois de tantos anos de estudos, os alunos não conseguem internalizá-la, pois o estudo de tantas regras e suas exceções dificulta o seu aprendizado, já que na vida prática ou em seu dia-a-dia o aluno não se vale de tanta formalidade.

Então por que os falantes nativos de língua portuguesa não conseguem “aprender” sua língua materna? Parece óbvia esta pergunta, pois ao valorizar apenas o ensino da gramática, os profissionais da área estão desvalorizando todo o conhecimento prévio do aluno, de forma que os mesmos já falam o português desde aproximadamente o seu ano e meio de vida. Mesmo assim, por causa de alguns professores de língua portuguesa que usam a gramática como única fonte de transmissão de conhecimentos, algumas pessoas ao saírem do ensino médio e mesmo entrando em uma formação superior, ainda proferem a seguinte frase “ eu não sei português” ou que as aulas de

português são muito “chatas” e por isso odeia sua língua materna. Contudo ninguém pode odiar uma língua que se comunica há tanto tempo, ninguém pode dizer que não sabe o português, já que é com ele que se comunica, o que incomoda a essas pessoas na realidade são aquelas regras que nunca aprenderam ou decoraram e depois esqueceram ao saírem das aulas de gramática, (“assim que deveria ser chamada a disciplina “gramática” e não “língua portuguesa”).

Alguns professores de língua portuguesa acreditam que só através da gramática que o aluno estará sendo inserido na participação social, desprestigiando assim, todas as outras modalidades (como a escrita e oralidade) necessárias para a “inserção” do individuo ao seu convívio social. Esses profissionais esquecem que é por meio da linguagem oral e escrita que o individuo se comunica, expõe e defende suas idéias e pensamentos, então ao se ensinar língua portuguesa deveria preparar o discente para todas as situações sociais como estabelecem os PCNs.

Os falantes da língua portuguesa enfrentam uma grande batalha diária no que diz respeito à fala e a escrita. A criança, ao entrar para a escola, já apresenta satisfatoriamente a oralidade, pois ela já leva consigo a linguagem adquirida desde que nasceu, e entende que em uma comunicação estão envolvidas pelo menos duas pessoas, ou seja, o emissor e o receptor. No entanto, a escola, em geral, prega a absorção da fala, por exemplo, a partir de seus ensinamentos.

Falar e escrever são duas modalidades que parecem bem distintas – e até certo ponto são, como por exemplo, não se costuma escrever como se fala- mas são bastante parecidas no que diz respeito ao ato da comunicação, contudo tanto na fala quanto na escrita há, no mínimo, um falante e um ouvinte, e um autor e um leitor. Deveria até ser bem simples o quanto aparenta, mas no que se refere à cobrança gramatical, há uma

maior atenção relacionada à escrita, pois a oralidade está mais ligada ao português não-padrão e a escrita ao português padrão, aliás é o que se prega nas escolas.

Não há a intenção de dizer que se deve retirar das escolas o ensino do português tradicional e ensinar o não-tradicional ou mesclá-los, o que deve acontecer é a escola aceitar as variedades lingüísticas presentes e , a partir daí passar a ensinar outras variedades não condenando os outros falares, linguisticamente estão corretos. Mas deve-se sempre ter o cuidado de que nem tudo que se fala, escreve-se.

O desenvolvimento da produção oral e escrita não está relacionado apenas à escola, mas também às relações familiares e sociais, num âmbito extra-escolar. Segundo Bagno:

Antes de terminar a Escola Normal, eu trabalhava numa livraria. Um dia, um senhor entrou na loja, dirigiu-se a mim no balcão e perguntou: “Aqui tem orelhão?” Eu respondi: “Não, mas logo ali na esquina tem”. Pensava que ele queria telefonar. O freguês olhou para mim, sorrindo, e explicou: “Não. Não é o oreião. É o orelhão, aquele dicionário grande...(Bagno, 2005,p. 85)

A produção oral é de extrema importância na sala de aula e, claro, no cotidiano, por isso a escola precisa definir o que se deve e pode fazer em relação às variedades lingüísticas existentes entre os alunos, como lidar com tal situação sem que seja preciso ignorar os falares ditos incorretos de alguns deles.

Em sala de aula, cabe ao professor saber lidar com essas variedades não impondo o uso padronizado da língua inacessível ao aluno, mas aproveitar essa diversidade para trabalhar o ensino da língua portuguesa. O professor precisa explorar tais variedades lingüísticas oralmente para, à partir daí mostrar aos alunos outras variedades. Trabalhar com outras variedades menos prestigiadas significa trabalhar com a fala de milhões de brasileiros, mesmo aqueles que possui um nível de formação superior também utiliza em situações informais a variante menos favorecida.

A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE E ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA

Para se trabalhar a oralidade em sala de aula é preciso criar situações que atraiam a atenção dos alunos, havendo interação destes com o professor e com eles mesmos, pois alguns dos papéis do professor é informar, orientar, desenvolver, etc, pois segundo os PCN'S, o objetivo da escola é o aluno.

Algumas das situações de produção oral são: a leitura oral, comentários, perguntas e respostas e debates. Segundo os PCN'S:

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais, etc.(PCN, língua portuguesa, 1998, p.85).

Sabe-se que existem outras formas de se trabalhar a linguagem oral, porém é de máxima importância que no mínimo, se trabalhe como orienta os PCN'S. Então a partir o aluno se sentirá e, de fato, estará melhor preparado para entender um pouco mais sobre esse tipo de linguagem.

Ainda são poucos os educadores que conseguem trabalhar a oralidade à partir do ensino da gramática respeitando as variações lingüísticas e tomando-as como exemplo para uma aula bastante produtiva, mostrando aos seus alunos que linguisticamente toda forma de falar é correta, porém existem normas que ainda precisam ser respeitadas sem, contudo, se desfazer desses falares.

É sabido que existem preconceitos em relação a modalidade oral da língua e, como já foi dito, a intenção não é desfazer-se da língua padrão, mas mostrar que mesmo

falando-se “errado”, todos conseguirão entender um ao outro, como mostra o quadro 5 de Bagno sobre conjugação verbal.

O que se percebe no quadro abaixo é uma língua “ enxuta” que evita as redundâncias, o excesso de marcas para indicar um único fenômeno. Desta forma, os alunos conjugam o verbo como no quadro à esquerda, e estão sendo olhados de forma diferenciada daquele aluno que conjugam como o quadro à direita.

Quadro 5


Conjugação do verbo AMAR no presente do indicativo	
<p>PORTUGUÊS PADRÃO</p> <p>eu AMO tu AMAS ele/ela AMA nós AMAMOS vós AMAIS eles AMAM</p>	<p>PORTUGUÊS NÃO-PADRÃO</p> <p>eu AMO tu/você AMA ele AMA nós/a gente AMA vocês AMA eles AMA</p>



Assim, o professor que logo corrige o aluno dizendo-o que ele não sabe português, também da mesma forma faz com frequência a declinação dos verbos de forma incorreta, Marcos Bagno traçou um novo quadro:

“ se você prestar alguma atenção nas formas verbais utilizadas diariamente, por pessoas que usam o português-padrão, mas na sua variedade falada, coloquial, vai ver que nós também simplificamos bastante o nosso quadro de conjugação verbal. As seis formas do português-padrão literário foram reduzidas a três, exatamente a metade” (Bagno, 2005, p.69)

PORTUGUÊS PADRÃO LITERÁRIO	PORTUGUÊS PADRÃO COLOQUIAL
<p>eu AMO tu AMAS ele AMA nós AMAMOS vós AMAIS eles AMAM</p>	<p>eu AMO você AMA ele AMA a gente AMA vocês AMAM eles AMAM</p>



Enquanto a comunicação oral não exige tantos detalhes para que seja preciso entendê-la, pois muitas vezes são substituídos por gestos, olhares, enfim, a modalidade escrita faz exigência da consciência que o autor precisa ter ao escrever seu texto, pois provavelmente ele será lido por outras pessoas.

É preciso que se entenda que escrever é um processo demorado e muito difícil, pois percebe-se que são poucas as pessoas que conseguem escrever bem. Mas, quem será o responsável por isso? A escola ou o aluno? A criança, ao entrar para a escola, depara-se com a visão de que a escrita é uma reprodução da fala, isto é, escreve-se como se deve falar, e deve-se ao fato de o professor fazer essas exigências logo nas primeiras séries, quando deveriam, portanto, deixar que esses “pequenos” escrevessem como acham que é certo. Assim evita a intimidação da criança ao escrever fazendo com que ela escreva mais e tenha novas idéias, só então, não muito mais tarde, é claro, mostrar-lhes a forma correta, porque é obrigação do professor ensinar a norma culta da escrita.

Uma das medidas que a escola precisa tomar para que os alunos aprendam a escrever é a estimulação da leitura, seja na escola, em casa ou em qualquer lugar adequado normalmente o aluno só lê o que se pede na escola, portanto é uma leitura obrigatória e na maioria das vezes considerada por eles como sendo uma “chatices”, e muitas vezes são textos de difícil entendimento e fora do contexto social da maioria dos alunos. Os PCNs sugerem a seguir:

...a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros.(PCN, 1998, p.26).

A produção escrita depende muito da leitura e, por isso, é preciso saber escolher o que se vai ler, cabe, principalmente ao professor fazer essa orientação.

Como falar é diferente de escrever, mas a escola precisa ensinar ao aluno que falar, ler ou escrever tem tudo a ver com gramática, ou seja, mesmo na oralidade os alunos estão sendo podados ou moldados conforme dita a velha e boa gramática.

ENSINO DE GRAMÁTICA E ENSINO DE LÍNGUA

Nos momentos necessários à identidade nacional, a norma prescritiva aparece como fator de identificação nacional, por isso se um educador seguir uma forma diferente da tradicional, com certeza enfrentará grandes dificuldades. Tais empecilhos não virão somente dos alunos mas também dos pais que os acompanham e seguem como modelo o método tradicional. Ao constatar que o professor não faz as correções marcadas nos cadernos, os pais perdem a confiança no ensino do professor.

Se for pedido a alguém a definição de gramática, as respostas poderão ser da seguinte forma: “Um livro que serve para melhorar a língua nativa”, “Um livro onde há regras do bem escrever e falar”. Essas respostas não estão fundamentadas nos estudos lingüísticos, pois se estivessem não seriam baseadas em concepções passadas pelo professor de gramática, afinal os estudos lingüísticos não ignoram as informações de que o nativo já traz consigo, a gramática individual, internalizada, tão bem definida por Chomsky. Este postulado que o ser humano é dotado de uma gramática inata, tal proposta procura dar conta da competência e criatividade do falante.

Alguns professores de língua Portuguesa não se deram conta da teoria de Chomsky, conhecida como gerativa transformacional, apesar de ainda estar centrada no leitor/ouvinte ideal e não no real, revolucionou alguns conceitos de como ensinar língua, uma vez que ele aponta a criatividade e produtividade como propriedade que um nativo demonstra, portanto de um número finito de enunciados, produzir infinitamente outros enunciados.

O ensino da gramática, valoriza apenas as normas padrão do Português, desprestigiando, assim, as variantes menos favorecidas ou estigmatizadas, a língua portuguesa deveria ser descritivo, normativa, dissertativa, e, além, de valorizar todo o conhecimento prévio dos alunos.

Travaglia(2001 p. 30-37), apresenta vários tipos de gramática , abaixo será apresentado alguns dos tipos de maior relevância para o ensino:

Gramática Descritiva – procura descrever e registrar uma variedade de língua, por isso não especifica a língua que tem como estudo. Esse tipo de gramática observa as normas, porém diferentemente de como a norma é estudada na gramática normativa-prescritiva. Nesse caso, observa-se que em qualquer dialeto existem normas que são seguidas pelos falantes.

A gramática internalizada ou competência lingüística internalizada do falante – são as regras internas existentes no falante que permitem que ele saiba usar a sua língua nativa e rejeitar os enunciados que não fazem sentido nela, pois a percepção de “erro” não é um ato que permite apenas àqueles que conhecem a gramática normativa-descritiva. Falantes que não têm intimidade com essa gramática rejeitam enunciados que não fazem parte de sua língua.

Gramática implícita – inconscientemente conduz o falante a saber usar a língua, seja através da fala ou escrita. Tal falante, porém não sabe explicar o porquê do uso de regras de forma espontânea, um exemplo disso é quando a pessoa usa a preposição “de” somada ao artigo “o”, ele pode não saber explicar que fez essa junção, mas usa de forma natural.

A gramática explicativa ou teórica – para se fazer o estudo da estrutura da língua, este tipo de gramática conhecida como metalingüística procura fundamentar-se em teoria.

A gramática transformacional – nesta gramática há um planejamento para fazer o contraste entre estruturas diferentes de línguas, tal contexto objetiva uma percepção das dificuldades apresentadas por uma determinada língua e, assim, o acesso à compreensão desse tipo de pesquisa.

Nesse sentido, observando-se a existência de tantos tipos de gramática, faz-se necessário redimensionar o ensino de língua e de gramática. Isso porque professor e aluno são agentes do processo de construção do conhecimento. E, como tal, é imprescindível a mudança de eixos centrais.

Apresentar a gramática aos alunos não é algo novo, de fato como os parâmetros enfatizam, os alunos ao entrarem na sala de aula já têm um conhecimento prévio sobre sua língua, o qual muitas vezes não é aproveitado pelo docente.

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. (PCN, língua portuguesa, p. 81, 1998)

Adquirir-se a língua e a gramática sem precisar ir à escola, o que procura-se nessa instituição que é a escola é internalizar melhor as regras gramaticais para adquirir uma melhor aquisição da oralidade e da escrita, e assim, pôr em prática no convívio social.

Contudo, o que o ensino da gramática está provocando é a estigmatização de alguns alunos, pois estes quando não conseguem atingir a proposta do profissional que utiliza a gramática são rotulados como alunos que não sabem português e ficam de fora

da proposta do ensino de língua que é que o discente adquira melhores desempenhos lingüísticos, tanto no oral quanto no escrito.

Do ponto de vista escolar Marote e Ferro (1998) enfatizam na idéia da implantação da leitura escrita e da leitura oral no âmbito de experiência atribuídas pela criança, mesmo sem essa possuir um conhecimento letrado de ambas.

Possuindo a criança uma visão ampla de textos da sua própria vivência, essa já saberá interpretar e produzir novos textos, pois o objetivo para o ensino da leitura é a formação de leitores maduros, cabendo ao professor incentivar e estimular sempre o aluno a ler e escrever, questionar, produzir textos, interagindo não apenas com os colegas de classe, mas também com o professor.

De acordo com as PCN'S (1997,P.54) “A leitura na escola tem sido essencialmente um objeto de ensino”. Para que esse também possa constituir um objeto de aprendizagem, é necessário que a leitura faça sentido na vida do aluno. Sendo que, ao professor caberá o compromisso de refletir sobre o significado do aprendizado do aprendizado da língua e investigar o cotidiano das mesmas. Propondo dessa forma atividades de leitura com textos que circulam na sociedade, além de estimular seu aluno ao hábito da construção, não apenas como atividade curricular, mas como algo prazeroso e instigante. Pois, aprender a língua é ir muito além das decifrações dos signos lingüísticos é construir e reconstruir-se enquanto sujeito na busca da cidadania.

Para alguns autores como Bagno, (2002) a escola não pode si privar diante da abordagem dos fenômenos da variação lingüística existente na sociedade. Ele defende uma democratização nas escolas, pelo fato de não se ater apenas ao dialeto de maior prestígio como é o caso da língua-padrão, mas a uma homogeneização de ambas os

dialetos, seja ele popular ou culto. Devem ser trabalhadas de forma intrínseca as diferentes variações lingüísticas, enfatizando o seu uso e sabendo adequá-las a situações diversos, pois o aluno não deve ser poliglota apenas do seu próprio idioma, mas ter uma visão geral das demais e saber utilizá-las e adequá-las em situações de comunicação.

Para a melhoria na qualidade de ensino os PCNS. (1998) têm por meta o desafio, ensinar a ler, escrever e se expressar de maneira competente, pois o uso da linguagem implica nas demandas sociais, onde a escola tem o papel de atender a essa demanda, possibilitando ao aluno absorver uma variedade de textos que circulam na sociedade. Portanto:

Cabe a escola possibilitar o acesso do aluno aos textos que circulam socialmente, ensinar o produzi-lo e a interpretá-lo; para que o mesmo possa compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. MEC, (1997, P30-31).

É importante ressaltar que a linguagem esta embutida no desenvolvimento e aprendizagem do individuo. Ela trouxe influência científica passando a ser chamada por tradicionalismo e mudança, gerando sérias conseqüências como: textos de ensino de língua portuguesa a qual utilizaram figuras e desenhos.

Como o processo de aprendizagem da língua portuguesa é amplo, hoje se recomenda que o professor repense sobre as suas metodologias, teorias, práticas de ensino, sabendo ele aproveitar da diversidade textual existente na sociedade: ampliando dessa forma o conhecimento letrado do aluno.

O ensino de língua portuguesa deve ser usado para melhor a qualidade da produção e do uso da linguagem, servindo também como um veiculo de comunicação entre diferentes povos. Para isso é preciso aprender o processo histórico de imposição e

constituição da língua portuguesa no nosso país e em outros países de língua portuguesa considerando os fatores interdisciplinares históricos, geográficos e econômicos bem como as participações populacionais que compõe essa construção política social que é a língua.

O ENSINO DA DISCIPLINA GRAMATICAL E SUAS DIFICULDADES

Do ponto de vista científico, a compreensão de um problema, muitas vezes remete o pesquisador a compreensão e ao estudo de outros problemas que estão na base de sustentação do fenômeno estudado. Neste sentido, considerando necessário realizar uma pequena, mas significativas abordagens do problema da aprendizagem para podermos entender ainda mais a questão que envolve a definição de uma conduta avaliativa razoável e mais qualitativamente eficiente.

A tarefa de identificação e de localização das dificuldades do aluno em aprender gramática é algo que exige uma preparação adequada da parte do aluno e um aprimoramento cada vez maior do professor. Isto, porque tanto o aluno quanto o professor dependem da cooperação e da integração para conseguirem alcançar os patamares mais elevados do processo de ensino-aprendizagem e com isso aprimorarem as capacidades e habilidades cognitivas.

Tomando o caso específico do ensino a gramática normativa, pode-se dizer que muitos desafios se erguem para a prática de mesma, tornando o ofício de professor uma tarefa difícil, vendo que a cultura brasileira e a perpetuação das normas da linguagem vão sendo cada dia conservada pelo exercício do profissional de ensino. O primeiro passo de todo professor enquanto agente facilitador do processo educacional e da construção de novos conhecimentos consiste em proceder no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem dos saberes transmitidos no ensino.

Conforme Val, “Redação e Textualidade 1999”, , ao problema de estruturação das habilidades ligadas ao ensino de gramática, estão quase sempre interligados aos aspectos da não articulação entre produção de texto e gramática ou na construção de uma oralidade que esteja respaldada no conceito integralizador.

O professor deverá convencer o aluno acerca das possibilidades de se estabelecer uma comunicação significativa fazendo uso das normas gramaticais através de textos diversos vendo como principal a utilização das regras e dos princípios de comunicação e de produção de discursos escritos e falados e assim, permitindo um maior embasamento no entendimento da gramática e de sua própria língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível dizer como o ensino da língua portuguesa chegou ao ponto de algumas pessoas ao estudar sua própria língua dizer que não gosta da mesma ou ainda pior, “não sabe Português”, na verdade o problema não está no ensino de língua materna e sim no ensino de gramática que na maioria das vezes dificulta o aprendizado com tantas regras e exceções. A reorganização do ensino de língua portuguesa é necessário e urgente, percebe-se que uma grande maioria de pessoas ao se tratar do ensino de Língua, tem bastante preconceito e receio. Com isso não está sendo desvalorizado nem colocado que não se faça importante o ensino da gramática, mas esse não é o único meio ao qual o indivíduo se insira no meio social, pois, a gente só aprende a ler lendo e a escrever escrevendo.

O ensino de gramática está voltado por excelência para determinados usos da escrita, e a língua oral, a língua que todos os brasileiros usa em qualquer situação de comunicação que esteja longe do “olhar” do tradicional ensino de gramática. Há poucos

espaços para a produção oral na sala de aula, quando se tem a oralidade tem quer ser impecável quase que se torna uma oralidade artificial moldada pelas regras e exceções gramaticais, pois, a “escola” da preferência a escrita tradicional artificial e conservadora.

Diante de tanto fatos que envolvem o processo de formação e evolução da língua portuguesa, bem como do seu uso nas esferas da sociedade, inclusive na prática do ensino, fato de investigação deste trabalho: Em primeira instância percebe-se que a língua portuguesa é um organismo vivo, dinâmico e eclético, embora apresente suas complexidades gramaticais.

A pesar dos inegáveis avanços que as teorias lingüísticas mais recentes têm permitindo para um entendimento mais amplo e mais claro dos fenômenos da linguagem humana, ainda não se criou um corpo de noções, conceitos e métodos nítidos e precisos que permitam a aplicação desses avanços ao ensino da língua na escola.

O ensino de língua no Brasil, neste século XXI, encontra-se numa nítida fase de transição. A maioria das professoras que está se formando agora, já tem consciência de que não é mais possível simplesmente dar as costas a todas as contribuições da ciência lingüística moderna e continuar a ensinar de acordo com os preceitos e preconceitos da gramática normativa.

Deve-se estimular, nas aulas de língua portuguesa, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sócio-lingüísticas, afim de que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social, e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de forma e uso, só assim o aluno se sentirá mais seguro para aprender livre do preconceito.

A escola deve criar situações em que os alunos tenham oportunidade de refletir os conceitos que lêem, escrevem, falam ou ouvem de forma contextualizada: a gramática da língua, as características de cada gênero, o efeito das condições de produção do discurso na construção do texto e de seu sentido. Então cabe ao professor selecionar textos diferenciados ou até usar o material disponível de maneira crítica, como ponto de partida para uma conscientização dos alunos de que língua e linguagem são coisas muito mais fascinantes do que a velha descrição mecânica do conceito, a velha nomenclatura falha da gramática tradicional e, principalmente, a velha distribuição do rótulo de “certo e errado” para produção lingüística dos cidadãos.

O aprendizado da gramática não é feito apenas durante a aula de português, mas principalmente em todas as situações de comunicação.

BAGNO, Marco: *A língua de Eulália*. São Paulo, Contexto,(2001).

BAGNO, Marco: *Preconceito Lingüístico*, São Paulo, Loyola, (2002)

BRASIL: *Parâmetros Curriculares Nacionais: Português*, Secretaria de Educação Fundamental- 2ª ed. Rio de Janeiro: (1998).

NEVES, Maria Helena M. 8ª ed. São Paulo, Contexto, (2005).

ORLANDI, Eni P: *Histórias das idéias Lingüísticas* . Ed. Unemat, Cáceres -Mato Grosso- Brasil, (2001).

PERINI, Mario: *Sofrendo a gramática*. São Paulo, Ática, (1997).

SILVA, Rosa Virginia Mattos e *contradições no ensino de Português*, 6ª ed. São Paulo, Contexto (2003).

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau*. São Paulo, Cortez (1995).